



Forte apache

RAMON RONCHI



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

IMAGEM CAPA: Unsplash.com - Elliott Stallion e Jordan Sanchez

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R769f RONCHI, Ramon. –
Forte apache / Ramon Ronchi. – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2019.
108 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-474-7

1. Poesia I. Título.

CDD: B869.1

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Livro de chegada

por Kleber Bordinhão

Este é uma obra de estreia, mas “Forte Apache” também é um livro de chegada. Não no sentido de término, mas de alcance, de completude. Ramon Ronchi chegou ao seu primeiro livro. Mais de dez anos de poesia o trouxeram para estas páginas que você está prestes a ler. Nascer poeta não é o bastante, é preciso mostrar a inutilidade dessa disfunção da percepção humana a outros possuidores do mesmo transtorno. Considerando sempre, como já disse Leminski, que a poesia está no emissor e no receptor.

Ronchi traz bagagem na sua chegada, chega inteiro. Nas primeiras páginas. carrega imagens domésticas e cotidianas, já exercendo um dos pilares do ofício, confundir, enganar, mentir? O que destes versos é poema e o que é poeta? As vozes de “lugar de criança” e “forte apache” nos transportam pra fantasia de infância pintada sobre a cruel realidade.

Artista e assim “antena da raça”, confirmando Ezra Pound, Ramon não se priva em tocar em temas contemporâneos como “patriarcado nosso” e “aborto”. A preocupação com a recente condição de seu país não foge ao radar do poeta, “madeira vermelha feito brasa” e “a cadela do fascismo está parindo” escandem o Brasil atual.

Este “Forte Apache” parte do verso livre, mas traz intervenções de formas tão conhecidas da poesia brasileira, como

os haicais “finados” e “hai-kai da chuva” ou o metassoneto “soneto salta-regra”. A reflexão sobre a escrita também está presente em “valetine’s day”, em que sintetiza o escrever poético a partir de Fernando Pessoa e Manoel de Barros. E presta uma homenagem a Carlos Drummond de Andrade, juntando-se a ele na busca por uma solução em “Ramon e o mundo”.

O eu-lírico do poeta é solto e passeia pelas angústias humanas em “depressão” e “homem de média idade”: “coração partido entre o que fui e o que não serei”. Recorda a devoção à musa, “perfeição atada à fita do senhor do Bonfim”, em “lembrança da Bahia” e declara a fórmula do desejo em “napalm”.

E como não há rio mais belo que o que corre pela nossa aldeia, Ponta Grossa, cidade natal do poeta, está presente em “Regionalismo” e “PG revisted”, “em teus campos andarei/ até que o último suspiro de vida/me leve de partida deitado em seus braços.”

A chegada de Ramon Ronchi está registrada e nas suas mãos, cabe a você agora descobrir como foi o trajeto.

desentupidor

o ralo do banheiro sempre foi um problema
a mãe desentupia
mas o ralo ainda era problema
nem o encanador deu jeito
até que veio o doutor e levou minha irmã embora
o ralo sofria de bulimia

cárcere

lá em casa
cadeira não tinha perna
todas as cadeiras lá em casa
tinham grades
a gente se aprisionava embaixo delas
quando a bebida atravessava a porta

panela de pressão

cozinha é galinheiro
quem canta de galo é quem chega primeiro
o chiado da panela é só um retrato
da fofoca que cospe no prato
de feijão em feijão
só aumenta o boato

alma de passarinho

na soleira da minha janela tinha sempre um passarinho
ele ficava ali me olhando acordar
como quem pedisse umas migalhinhas de pão

eu me via tanto naquele passarinho
que quando eu debruçava na janela eu cantarolava baixinho
aprendi ali que minha alma também pedia migalhas

faqueiro de prata

que coisa inútil
tão lindo e brilhante lá dentro da estante
sem um tilintar entre risos
esperando a visita que nunca veio

a concha de sopapos
a colher que ninguém meteu no meio
o garfo que nunca físgou
uma fatia de alegria

tudo inútil
ou quase tudo
porque no fim usamos as facas

cortamos corações
que não cicatrizaram saudades

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em janeiro de 2019.
